

## PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS EM HUMANIDADES

**ILDEU MOREIRA COELHO**

*Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil*

### RESUMO

O texto trabalha o sentido de uma sólida iniciação em leitura, estudo, escrita e pensamento como pré-condição da pesquisa. Para serem qualitativos, os estudos e as pesquisas precisam ter qualidades que os diferenciam, sendo a mais importante e condição primeira, nas Humanidades, o bom convívio com os autores e conceitos da tradição humanista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pesquisa e estudos qualitativos. Humanidades. Rigor e crítica. Sólida iniciação em leitura, estudo, escrita e pensamento.

### ABSTRACT

This text focus on a solid beginning in reading, studies, writing and thinking as a precondition for the research. In order to be considered qualitative, the studies and researches must present distinguishable qualities, being the most important and a primary condition, in the Humanities, a friendly relationship with the authors and the concepts of the humanistic tradition.

**KEYWORDS:** research and qualitative studies, humanities, rigor and criticism, studies, writing and thinking

Como busca minuciosa, estudo diligente e investigação rigorosa visando a descobrir algo que não se conhece, chegar a outra compreensão ou explicação de determinada realidade, a *pesquisa* supõe uma formação básica, uma sólida iniciação, em termos de *leitura, estudo, escrita, pensamento*, atividades essas que fazem parte do trabalho de busca e investigação, sem dele jamais se afastar, pois são constitutivas desse *ofício*, em latim *officium*, termo que, mais do que o sentido de profissão, traz a força das atividades com as quais se compromete e pelas quais se responsabiliza, a autoridade de obrigação moral, de serviço prestado com cuidado e respeito pelo outro, pela cultura comum, pela escola, pela investigação, pela formação visando à igualdade e dignidade dos humanos, ao bem comum, à justiça. Formação, pesquisa e estudos, portanto, não se confundem, são distintos, mas inseparáveis.

Ao buscar o sentido originário dessa iniciação, *initiatō*,<sup>1</sup> no verbo latino *inīre* [de *in* e *īre*], e das expressões *inīre viam*, *inīre domum* e *inīre formam vitae* compreendo a iniciação

---

<sup>1</sup> Represento a constituição do termo pela sequência: *in* e *īre* → *inīre* → *initium* → *inīre* → *initiatō*.

como um penetrar em, entrar na casa da cultura, da leitura, do estudo, da escrita, da compreensão, da aprendizagem, da sensibilidade, da imaginação e do pensamento; casa essa que, sendo comum, de todos, não aprisiona, nem fecha as portas, à medida que nela entrar e permanecer é incansavelmente pôr-se a caminho, descobrir um meio, iniciar-se nos princípios do saber, em seus mistérios, fundamentos e conceitos, transformando essa iniciação em modo de vida, seguido com empenho, dedicação, disciplina, realização e prazer. Daí o sentido e a importância de leituras e estudos que levem à compreensão e amistosa convivência com as *obras de cultura* de todos os tempos, lugares e povos, nas letras, artes, filosofia e ciências em geral, diferente da tecnociência, “de modo a, na medida do possível, levarmos a bom termo a filosofia das coisas humanas”, como lemos em Aristóteles [384/383-322 a.C.], no final da *Ética a Nicômaco* (1181 b 14-15); ou seja, a interrogação da natureza do homem e suas ações – no sentido amplo dos termos *ánthōpos*, ἄνθρωπος, em grego e *homo*, em latim –, interrogação essa inseparável da vida, da existência dos seres humanos, em sua relação com os outros, seus iguais, com os outros animais, os vegetais, os minerais e os corpos celestes.

Mas nada disso acontece sem uma boa formação, anterior e a ser continuamente buscada e aprofundada no aprendizado da *leitura*, do *estudo*, da *escrita* e do *pensamento*, essenciais à *compreensão* das *obras de cultura*, cuja grandeza põe tudo em questão e aos que com elas procuram conviver põe todos a pensar, fazendo-os crescer com sua autoridade, do latim *auctoritas*,<sup>2</sup> no cultivo da sensibilidade, da imaginação, do pensamento, do rigor e da

---

*Inĕo*, verbo, no infinitivo presente *inĭre* [composto do préverbo *in* e do verbo *ire*] – ir para, entrar em, começar, concluir, descobrir um meio, passar de um estado a outro, formar. *Inĭre viam*, pôr-se a caminho; *inĭre domum*, entrar na cidade, entrar em casa; *inĭre formam vitae*, seguir um modo de vida.

*Initĭum*, subst. neutro [de *inĭre*] – início, origem, nascimento, princípios [de uma ciência]. *Initĭum rerum*, desde a origem das coisas; *indagatiō initiōrum*, investigação da origem das coisas; *ab initiō rerum Romanārum*, desde a fundação de Roma; *primis initiis*, desde o princípio, no começo.

*Initiō*, verbo, infinitivo presente *initiāre* [de *initĭum*] – iniciar em mistérios, fazer uma iniciação, instruir.

*Initiatiō*, subst. fem. [de *initiāre*] - iniciação, participação em mistérios.

Para os termos latinos, a referência é aos dicionários de Ernesto Faria [1906-1962] e de Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva [1832/1834-1900].

<sup>2</sup> O verbo *augĕre* significa fazer crescer, tornar maior, tornar melhor, elevar a honra, engrandecer, proteger. Esse verbo está na origem do substantivo *autor*, o que faz nascer e crescer, instiga, promove, defende e protege; gerador de pessoas, fundador, autor, instituidor, fiador. *Auctōres imperĭi*, fundadores do império. De *auctor* veio o substantivo *auctoritas*, consumação, realização, instigação, autoridade fundadora da comunidade política, confiança nas pessoas, garantia, fiança, responsabilidade, poder em sentido pleno, consideração, respeito,

crítica, ampliando e aprofundando seus horizontes acima de tudo o que é pequeno, parvo, medíocre.

A sociedade, o Estado e a escola, do ensino fundamental ao superior, incluindo a universidade, por sua vez, têm falhado em seu dever e efetivo compromisso com essa formação, prejudicando o presente e o futuro das novas gerações, da sociedade, da humanidade. E, com certeza – lembro o que, com frequência, a sociedade e o Estado têm esquecido – comprometendo a discussão, a compreensão das ideias e da prática, a incansável busca da igualdade, do bem comum e da justiça como horizonte norteador e exigência ético-política da convivência humana, da vida coletiva, bem como a crítica<sup>3</sup> – no sentido originário do verbo *krínein*, κρίνειν, do qual veio o adjetivo *kritiké*, κριτική, e a expressão *hē kritikè tékhne*, ἡ κριτικὴ τέχνη – como faculdade e arte de pôr em questão as ideias e a prática nas várias esferas da vida coletiva e pessoal; comprometendo também nossa capacidade de, examinando e compreendendo, discernir a veracidade de uma ideia, afirmação ou notícia, a qualidade de uma obra, teoria, prática, ação, decisão ou pesquisa; e distinguir o bem do mal, o essencial do acidental, o ser do aparecer, o que é e o que não é educação, cultura, escola, universidade, aula, ensino, aprendizagem, pensamento, formação, teoria, prática, amizade, justiça...

Nesse manancial de horizontes sombrios que nos últimos anos tem se intensificado com grande voracidade, as Luzes muitas vezes não conseguem romper as nuvens escuras que insistem em pairar sobre nossas mentes, dificultando o aflorar do pensamento e da lucidez; e sobre nossas mãos, dificultando a ação, não como resultado, mas como *ato de realizar algo*, como *prâksis*, πράξις, “fazer no qual o outro ou os outros são visados como seres autônomos e considerados como o agente essencial do desenvolvimento de sua própria autonomia” (Castoriadis, 1982, p. 94). E então a pesquisa também corre os riscos de perder sua identidade, sentido, lucidez, rigor e dimensão crítica, enfim, a força de interrogar, questionar a

---

determinação, estima, reputação, legitimidade. *Auctoritatem dare*, dar o exemplo. Diferente de *auctoritas*, *potestas* é poder menor, domínio, propriedade, poder que dispõe de pessoas e coisas.

<sup>3</sup> *Krínō*, no infinitivo presente *krínein* – κρίνω, κρίνειν – distinguir, discernir o verdadeiro do falso, escolher, decidir, explicar uma questão, interpretar, julgar, pôr em julgamento.

*Kritikós, ἔ, ὄν* – κριτικός, ἦ, ὄν – adj. – capaz de julgar, crítico. *Hē kritikè tékhne*, ἡ κριτικὴ τέχνη, a arte de julgar, a crítica.

ideologia, as ideias, os conceitos, a tecnociência, a mídia, a prática social e acadêmica, a cultura, a educação, a escola, os cursos de graduação, mestrado e doutorado, os estágios de pós-doutorado, os programas de internacionalização da pós-graduação.

No mundo da instrumentalidade, do pragmático, do primado dos resultados, da utilidade, do sucesso e da dupla dinheiro e poder, há cerca de meio século, as Humanidades têm sido chamadas a – e cada vez mais encontrado dificuldades em –autojustificar-se e autolegitimar-se diante das necessidades e interesses dos empresários, da sociedade e do Estado. A influência das ciências exatas e biológicas nos métodos, conceitos, temas de investigação, padrões de cientificidade das ciências humanas e sociais, de ensino, de pesquisa, e nas formas de avaliação nos concursos públicos para o magistério superior e em outras atividades acadêmicas, bem como de avaliação da escola, da universidade, do ensino de graduação, dos programas de pós-graduação e da chamada produção acadêmica; sem esquecer as padronizações da ABNT e do Currículo Lattes, em geral acanhadas para as Humanidades e, por isso mesmo todas são partes de um movimento de sua desqualificação nas escolas de todos os níveis, na sociedade, nos órgãos do Estado e na mídia. Ao mesmo tempo essas instituições e organizações não têm garantido nem em parte se preocupado em tornar realidade efetiva para todos, a começar pelos que estão chegando, a educação comum, a escola republicana, a iniciação rigorosa e crítica no universo da cultura. E então, o que entendemos por qualidade e qual é o sentido, a qualidade do ensino, dos estudos, da formação dos humanos em geral e da pesquisa nas Humanidades?

Nesse contexto, torna-se mais necessária ainda a *compreensão do sentido* de alguns termos e conceitos fundamentais no movimento de iniciação rigorosa e crítica dos humanos no universo da cultura. Daí as questões que se unificam no trabalho de formar, visando à humanização ou, segundo Antonio Candido de Mello e Souza [1918-2017], à confirmação da humanidade comum e igualitária de todos e cada um dos humanos, *ánthōpoi*, ἄνθρωποι, em grego, e *homīnes*, em latim: *o que é o homem, o que é ler, estudar, escrever e pensar?* Aliás a pergunta *o que é* acompanha a filosofia desde seu início na Grécia Antiga, sob formas e em temáticas variadas, mas sempre interrogando o que faz uma coisa ou realidade ser o que ela é por natureza, distinguindo-a das outras, constituindo sua identidade, seu ser e tornando possível a compreensão de sua essência. Perguntar qual o sentido de uma coisa, ideia ou atividade, o que as faz ser o que são, o que constitui o ser de cada uma é, transcendendo à realidade empírica,

buscar apreender a essência, a natureza das ideias, da prática, da ação; o que implica a passagem do particular e contingente ao universal e necessário, e deste àquele.

Se por um lado não dá para avançar sem *pôr essas questões prévias* (Goldschmidt, 1971, cap. 1) e certamente outras ainda, de grande significado, amplitude e profundidade, e sobre as quais, sobretudo a primeira, milhares de páginas foram escritas em mais de 2.700 anos de história [se pensarmos, por exemplo, em Homero e Hesíodo], é impossível respondê-las a contento, sobretudo numa mesa-redonda. Nem por isso, entretanto, podemos deixar de lado dimensões frequentemente esquecidas em publicações, eventos, planos de disciplinas, aulas, discussões e decisões de órgãos colegiados, ou não, das universidades e do Estado, o que compromete o efetivo reconhecimento e afirmação do sentido da existência humana, da vida em comum, da ética, da política, do saber, do ensinar, do aprender e da pesquisa.

Com efeito, o homem constitui-se na relação intrínseca com o Natureza, com o outro, um igual, na significativa e bela diversidade dos humanos; na participação no que é comum a todos, e que para os gregos antigos era o maior bem, a *forma de vida em comum*, a cidade, a *pólis*, πόλις, isto é, os cidadãos unidos por laços de benevolência, de amizade, *philia*, φιλία. Apesar das transformações culturais, das imposições da tecnociência, do mito do progresso (Dupas, 2006), da ideologia do mercado e do sucesso individual, temos ainda o sentido e a força do legado grego presente na constituição da cultura ocidental, na compreensão do homem e suas obras, no surgimento da filosofia e do saber racional, na invenção da política, da democracia e da ética. Na *Ética a Nicômaco* e na *Política* de Aristóteles, entre outras dimensões, temos a compreensão do homem como *zōion lōgon ékhon*, ζῷον λόγον ἔχον (*Ét. Nic.*, 1139 a 14-15), ser vivente, animal que tem fala, linguagem. Esse animal racional é também um *zōion politikón*, ζῷον πολιτικόν (*Política*, 1278 b 19), ser vivo político, ser da *pólis*, πόλις, cidade como uma forma de vida em comum, “um sistema de vida” (Pereira, 1998, p. 172).

Nessa esteira as Humanidades, as artes, a literatura e a filosofia, não sendo ciências e, portanto, diferentemente também das ciências humanas, não seguem os paradigmas, métodos e critérios das ciências. Ao longo do tempo suas obras não são superadas por nenhum suposto progresso, avanço ou conquista das ciências ou da tecnociência, de modo que uma pintura, um texto literário ou de filosofia, por exemplo, se verdadeiramente merecem esse nome, não ficam ultrapassados. A criação dos grandes artistas de tempos idos, dos antigos e maiores poetas

gregos, Homero e Hesíodo, por exemplo, e a obra dos filósofos Platão (428/427-347 a.C.), Aristóteles (384/383-322 a.C.), Tomás de Aquino (1224/1225-1274) ou Kant (1724-1804), não são inferiores às obras da atualidade. Não perdendo sua contemporaneidade, em qualquer época e contexto, esses gênios da humanidade continuam sendo sempre atuais e nossos companheiros no longo caminho da história, nem sempre povoado por grandes homens, grandes leitores, estudiosos, escritores, pensadores, homens de ação, enfim, por grandes intelectuais que, nas trilhas de Émile Zola, escritor consagrado e respeitado intelectual [1840-1902], pela lucidez ético-política e coragem ao escrever e enviar a carta *J'Accuse* ao presidente da República, Felix Faure, publicada em 13 de janeiro de 1898, no jornal *L'Aurore* denunciando alguns generais de terem montado um processo fraudulento contra o Capitão Alfred Dreyfus, acusando-o injustamente de traição.

Continuando a busca do sentido da iniciação vem *o que é ler, o que é estudar, o que é escrever e o que é pensar*. Não se trata aqui de metodologias e técnicas de ensino e aprendizagem da leitura, do estudo, da escrita e, quem sabe, até do pensamento, nem de chegarmos a definir cada uma dessas atividades. Em filosofia o importante é a pergunta sobre o que faz algo ser o que é, por natureza; o que faz algo ser leitura, estudo, escrita ou pensamento, e não conversa, jogo, diversão, desenho, gesto, mímica, devaneio ou imaginação; o que distingue uma coisa ou realidade de outras coisas ou realidades. Sem dúvida as respostas serão diferentes, mas todas terão de se autojustificar, de se submeter às exigências do rigor, da crítica, do pensamento, da veracidade das afirmações. E assim certamente contribuirão para que a dúvida, o questionamento, a crítica, a contestação se instale, e o pensamento surja, aconteça.

A leitura, o estudo, a escrita, o pensamento, a filosofia, as letras e as artes em geral são criações, momentos e caminhos dos humanos rumo ao mundo do espírito, ao desconhecido, visando a compreender, explicar e desvendar os mistérios do mundo físico e humano; a pôr em questão as certezas, as ideias e as práticas, em busca de maior rigor e crítica, de outros conceitos, de outra compreensão.

Ler<sup>4</sup> não é repetir as palavras, as frases do texto, com sonoridade ou em silêncio; mas, prestar atenção nos principais termos usados e seu sentido no texto, nos conceitos e articulações

---

<sup>4</sup> *Légo*, λέγω, no infinitivo presente *légein*, λέγειν – colher, reunir, juntar, ligar, distinguir, escolher, contar, enumerar, dizer, anunciar, designar, ler, ordenar, fazer dizer.

lógicas, nas narrativas, na pontuação e em tudo o que define o sentido do texto teórico ou da narrativa literária. Aprender a ler é percorrer as trilhas do texto seguindo suas pegadas, tomando-o como companheiro de viagem e de vida, colhendo, ordenando, distinguindo, explicando, dizendo e justificando qual é seu sentido, grandeza e beleza. É descobrindo, compreendendo e aprendendo o sentido do texto, que a leitura se torna significativa, envolvente e prazerosa.

Aprender a estrutura e as possibilidades da língua falada e sobretudo escrita, na qual pensamos e expressamos nossas ideias, conceitos, sentimentos e emoções é fundamental no trabalho de iniciação das crianças, jovens e adultos no mundo da cultura. Nas palavras de Jean-Paul Sartre [1905-1980], “em resumo, a leitura é criação dirigida. [...] Assim para o leitor, tudo está por fazer e tudo está feito já; a obra existe apenas ao nível exato das suas capacidades; enquanto lê e cria, sabe que poderia ir sempre mais longe na leitura, criar mais profundamente; e, em consequência disso, a obra parece-lhe inesgotável e opaca como as coisas” (1968, p. 91-92).

A leitura humaniza as pessoas ao pô-las, não diante de coisas e objeto, mas de seres humanos e suas criações, de seus sofrimentos e alegrias, de seus sonhos e frustrações, de seu limites e possibilidades, de seus dramas, mesquinhas e grandeza. A leitura de bons livros, de textos clássicos, ajuda o pensar; com eles aprendemos a ler, a escrever e a pensar.

Estudar<sup>5</sup> por sua vez não é matricular-se numa escola, frequentar um curso e ser aprovado nas disciplinas, mas com interesse, esforço, disciplina, atenção, gosto e paixão dedicar-se às leituras, cultivar o estudo, exercitar-se nos trabalhos escolares, visando a realizar

---

Em latim o verbo *lego*, no infinitivo presente, *legere* [do grego λέγω, λέγειν] é ajuntar, reunir, colher, recolher, escolher, surpreender, percorrer, ler. *Legere comitem* – tomar um companheiro [para viagem]; *legere flores* – colher as flores; *legere iter* – percorrer o caminho; *legere iudices* – escolher os juizes; *legere poetas* – ler os poetas, explicar os poetas [lendo as obras]; *legere vela* – reunir as velas; *legere vestigia* – seguir as pegadas. *Lectio*, ato de ajuntar, colher, recolher, escolher, ler; colheita, escolha, seleção, leitura, lição, o que se lê, texto.

<sup>5</sup> *Studēo*, infinitivo presente *studēre* – aplicar-se, gostar de, inclinarse a, comprazer-se, desejar, buscar, interessar-se por, dedicar-se a, esforçar-se para obter [algo], ser amigo de, exercitar, cultivar, estudar. *Studēre littēris* – dedicar-se às letras; *studēre memoriāe* – exercitar a memória.

*Studium*, aplicação, cuidado, desejo, gosto pelo estudo, esforço, dedicação, interesse, amor por alguma coisa, paixão, ocupação, ato de estudar, exercício espiritual; *studia philosophiae* – estudo da filosofia.

o que de início é apenas uma possibilidade a ser efetivada, na passagem de um estado a outro, no movimento de se tornar outro, de se tornar o ser humano que ele ainda não é realmente.

Sem dúvida a escrita contribui para o surgimento, a afirmação, a difusão e a publicização da cultura comum. Ao ser escrita a lei amplia e aprofunda sua dimensão pública, escapando à autoridade única daqueles que a interpretam. Desde a Antiguidade, a passagem das tradições orais aos textos escritos de variados tipos, em especial na prosa, “não constitui somente, em relação à tradição oral e às criações poéticas, um outro modo de expressão, e sim uma nova forma de pensamento. A organização do discurso escrito é paralela a uma análise mais cerrada, um ordenamento mais estrito da matéria conceitual” (Vernant, 1999, p. 173).

À medida que o texto escrito torna possível “um retorno ao texto em vista de sua análise crítica, a leitura supõe uma outra atitude de espírito, mais distanciada e ao mesmo tempo mais exigente, que a escuta dos discursos pronunciados”. Na leitura, continua o helenista Jean-Pierre Vernant [1914-2007], estamos diante de “um texto que se pode conservar sob os olhos e que retém em si um ensinamento cujo valor é durável” (1999, p. 174). No texto escrito os termos têm um poder maior de significar, de demonstrar e de expressar o mundo, a sociedade, o real e o imaginário.

No trabalho de iniciação à leitura, ao estudo, à escrita e ao pensamento, este é de certo modo o cume do movimento de elevação ao mundo do espírito, não numa sequência temporal, pois essas atividades são concomitantes, mas no sentido de que o aprendizado do pensamento significa uma realização da racionalidade do homem, de sua autonomia, liberdade, capacidade de compreensão rigorosa e crítica dos conceitos, argumentos, juízos, teses, e da prática, do que acontece no mundo natural e na esfera do humano, da cultura, da educação, da escola, da formação, da vida em comum, da ética, da justiça, e da criação, no plano das ideias e da ação. Tudo isso, entretanto, a começar por essa iniciação, não é nem será, em nenhum momento ou nível da existência humana, em suas múltiplas faces e situações, uma conquista definitiva, uma realização acabada. Pelo contrário, o homem por natureza é um ser inacabado, e todos esses movimentos e atividades jamais se completam; a iniciação, a busca do saber, o aprendizado, a formação, a autonomia e a liberdade estarão sempre abertas, como movimento incansável que, só com a morte, terá um ponto final. No mundo dos homens a obra a realizar é tão grande, nobre e bela que jamais teremos tempo para concluí-la. No mundo das coisas temos posse,



V Seminário Internacional  
de Pesquisa e Estudos Qualitativos

Foz do Iguaçu, 30 e 31 de Maio e 1 de Junho de 2018

Pesquisa Qualitativa na  
Educação e nas Ciências em Debate

Do SIPEQ a sócio da SE&PQ:  
torne-se um pesquisador em rede

propriedade, apropriação dos objetos, mas não sendo coisa, o saber não tem como ser dividido, partilhado, socializado e apropriado. Simplesmente está aí, à espera de todos os que, na autonomia e na liberdade, quiserem e estiverem dispostos a com ele conviver, pois ele tem suas regras, suas exigências, seu *ēthos*, seu *habitus*.

Pensar é de certa forma ver o não visto, dizer o não dito e, assim sendo, o pensamento deságua no leito ação, do ato de agir com seus pressupostos e implicações, com as exigências daquilo que precisa ser realizado, do a ser feito, não por imposições de fora para dentro e de cima para baixo, para cumprimento de formalidades, costumes, conveniências, rotinas e rituais. Pensar é reconhecer e afirmar a possibilidade concreta da liberdade, da autonomia, da contestação, da crítica, da criação, da realização do que ainda não foi feito, do surgimento do novo, do não existente, mas que pode e deve vir a ser feito, criado, realizado.

Ao contrário, não pensa quem vê o mundo, os humanos, a sociedade, os acontecimentos, a cidade, a vida em comum, a escola, o saber, a formação, a autonomia, a liberdade, a ética, a política, o certo e o errado, enfim, praticamente tudo ou quase tudo como os outros, como a maioria, os donos do dinheiro, a grande imprensa e a televisão veem.

Em termos de educação, escola, universidade e formação, a aula, a conferência, diferentemente da palestra, não é um processo de transmissão do saber, de socialização do conhecimento a ser supostamente apropriado pelos alunos. Ao contrário, ela é por essência e, portanto, é isto que a faz ser o que por natureza ela é, um permanente pensar alto diante dos alunos ou do público, um convite sempre renovado ao pensamento. É o professor, dizendo de forma silenciosa a seus alunos; ou o conferencista dizendo, sem falar uma só palavra nesse sentido, aos que participam de sua conferência: venham pensar comigo porque eu estou pensando, pensando o texto, os termos e as frases que uso, pensando a leitura, o estudo, a escrita como pensamento vivo, interrogante, provocante da sensibilidade, da imaginação e da inteligência de professores e alunos, de educadores e educandos, de mestres e discípulos.

A interminável iniciação escolar que sempre se retoma e avança em crescente exigência de rigor e crítica em tudo que vê e faz, certamente prepara os estudantes em etapas bem posteriores da formação para a pesquisa, para a pesquisa e os estudos qualitativos, que se distinguem e se definem pela natureza ou essência do que pensam, investigam, pesquisam e fazem.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicómaco*. Edição bilíngue grego-português. Introdução Manuel J. do Carmo Ferreira. Tradução e notas Dimas de Almeida. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2012.
- ARISTÓTELES (1998). *Política*. Edição bilíngue grego-português. Tradução e notas António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Vega, 1998.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Tradução Guy Renaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- DUPAS, Gilberto. *O mito do progresso; ou o progresso como ideologia*. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Campanha Nacional de Material de Ensino/MEC, 1967.
- GOLDSCHMIDT, Victor. *Les dialogues de Platon: structure et méthode dialectique*. 3ème ed. Paris: P.U.F., 1971.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica: Cultura grega*. 8ª ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, vol. 1, 1998.
- SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.
- SARTRE, Jean-Paul. O que é a literatura? In: \_\_\_\_\_. *Situações II*. Tradução Rui Mário Gonçalves. Lisboa: Publicações Europa-América, 1968, p. 53-314.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e sociedade na Grécia Antiga*. Tradução Myriam Campello. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.